

Na FCDF, exposição síntese dos ~~DF-~~ museus de Brasília

A Fundação Cultural do Distrito Federal e o Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Educação promovem, a partir de hoje, a Exposição-Síntese dos Museus de Brasília, na Galeria A da FCDF (508 Sul). A exposição será aberta às 19 horas e poderá ser visitada até o dia 13 próximo. O Museu de Arte de Brasília (MAB) participa dessa exposição com uma série que inclui obras dos artistas Lívio Abramo, Fayga Ostrower, Anna Bella Geiger, Edith Behring, Rossini Perez, Iberê Camargo, Leda Watson, Darel Valença, Odetto Guerdoni, Hugo Mund Júnior, Isabel Pons e Emanoel Araújo. Além do MAB participam da mostra os museus da Caixa Econômica Federal, do Catetinho, Etnográfico Histórico e Artístico de Planaltina, Histórico de Brasília, da Imprensa, JK, Postal e Telegráfico e de Valores do Banco Central.

O MAB

O Museu de Arte de Brasília — MAB — é muito recente. Em março de 1986 completa o primeiro ano de existência. A rapidez com que foi implantado está a indicar-lhe a necessidade de se reorientarem seus objetivos, de se revisar sua conformação, de se clarificarem seus critérios. Estes, menos do que formados pelas inclinações psicológicas por uma ou outra série particular de manifestações artísticas, que sempre têm os seus devotos, devem responder à necessidade de investigação do nosso mundo cultural, com suas grandezas e misérias, se for o caso —, mas com nitidez suficiente para que, confrontadas as tendências e direcionamentos, se gerem elementos para uma compreensão mais aprofundada da nossa realidade.

O ingrediente básico de um museu, do ponto de vista material, é a sua coleção. Já passou o tempo em que não era tão custoso compor um acervo; lá se vai a época em que a família Guinle colecionava com o exclusivo interesse de dotar as instituições museológicas. Para um museu sem orçamento próprio, oportunidades para aquisições de obras foram totalmente redimensionadas na sociedade brasileira atual, em que o mercado de arte se firmou, com toda sua normal incongruência, mas também com força total. Mecenato inexistente e pouco estimulado por uma legislação fiscal, vaga nesse aspecto, contribui para aumentar as dificuldades.

Se, por um lado, isso impele o museu no sentido de incrementar suas atividades instrumentais, essencialíssimas por certo, por outro lado lhe restringe a envergadura da espinha dorsal, que é a coleção, a parte fixa do seu organismo.

Uma coleção não se entende como acúmulo de coisas, mas como organização baseada em interesses culturais a ser defini-

dos. O MAB, até pelo fato de se achar sediado na Capital do País, tem por destino transformar-se no Museu do Artista Brasileiro, seja no chamado artista erudito, seja daquele artista a que, à falta de melhor apelativo, chamamos popular. Ele se destina a fornecer um corpo de informações apropriadas ao seu papel de verdadeiro centro de estudos do artista nacional, dentro da problemática que a este se reporta. Não seria um museu de "obras-primas", senão o museu da produção artística do País, aberto à história e à contemporaneidade, rico em diversificações, formas estéticas e aspectos particulares das nossas mundividências.

O propósito não se há de realizar em um ano, nem em dois, nem em três. É preciso, porém, que o Museu de Arte de Brasília se insira numa estrutura administrativamente forte, para abreviar o tempo de sua construção e facilitar-se o seu desenvolvimento enquanto processo. A apropriada forma de fundação, tão eficaz nos Estados Unidos, não parece ser a sua destinação. Impõe-se, pelo menos, maior interesse por parte das autoridades. Que estas interpretem o seu desejo de existir significativamente, no âmbito da cidade e do País, como um desafio a ser não tutelado, mas estimulado com real participação. Sobretudo o apoio da empresa privada poderia ser mediado por aquelas autoridades.

No seu primeiro ano de existência o MAB deixa como saldo pelo menos uma exposição de categoria internacional: "A visão popular da realidade e o perfil do colecionador", realizada praticamente com custo zero; um curso de história da arte contemporânea, que certamente teve efeito multiplicador e, incipiente, um Centro de Documentação, que poderá e deverá produzir frutos em pesquisa. Também o entrosamento com o mundo escolar do Distrito Federal foi dos mais ativos e, não obstante a desvantajosa localização, em termos de distância, a freqüência ao Museu esteve longe de ser desalentadora. Por isso, e com prazer e orgulho que participamos da primeira exposição conjunta dos museus de Brasília.

A equipe do MAB selecionou para representá-lo no certame uma série de gravuras de artistas brasileiros, série que inclui Lívio Abramo, Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann, Rubem Valentim, Isabel Pons, Odetto Guersoni, Emanoel Araújo, Iberê Camargo, Darel Valença, Edith Behring, Maria Bonomi, Hugo Mund Júnior, Leda Watson, Marília Rodrigues, Zoravia Bettoli, Dinéia Dutra, Cláudio Tozzi, Liliane Dardot, Anna Bella Geiger e vários outros, pioneiros e continuadores dessa bela expressão das nossas artes visuais.

(João Evangelista de Andrade Filho)